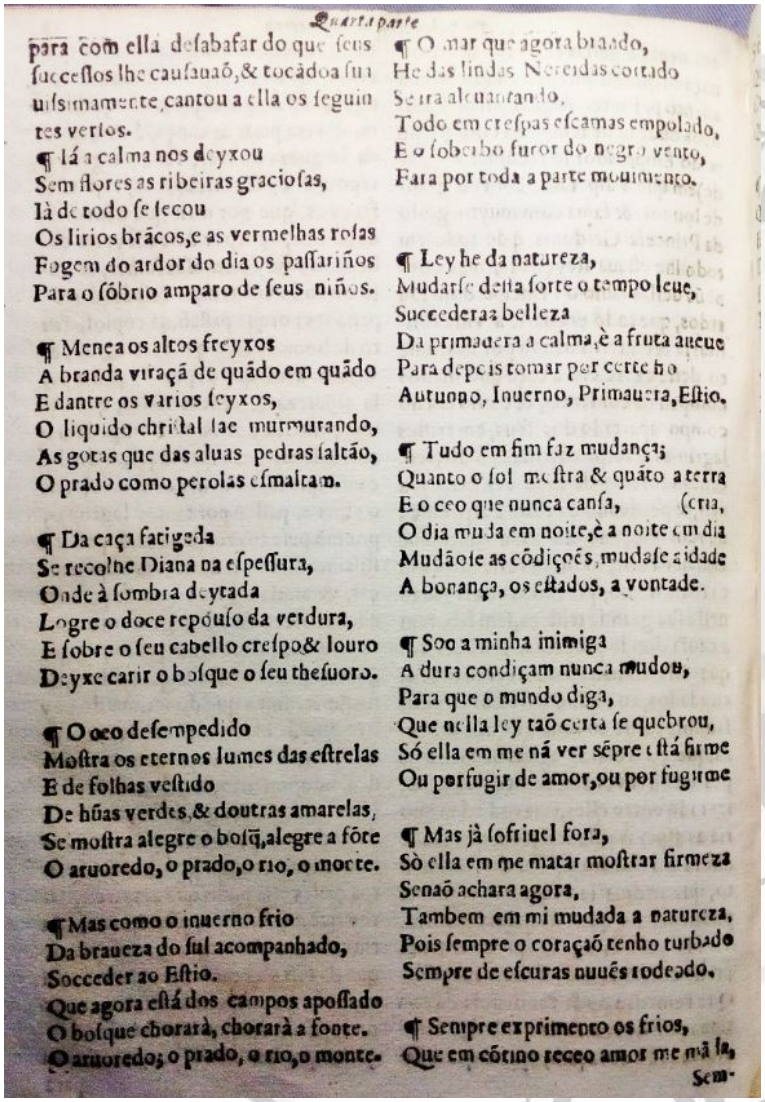
Palmeirim IV (1604)- Poema

Fac-símile
[*39v/a-39v/b*]



Quarta parte

para com ella desabafar do que seus
successos lhe causauaõ, & tocãdoa sua
uissimamente, cantou a ella os seguin
tes versos.

¶ Já a calma nos deyxou
Sem flores as ribeiras graciosas,
Já de todo se secou
Os lirios brãcos, e as vermelhas rosas
Fogem do ardor do dia os passariños
Para o sóbrio amparo de seus niños.

¶ Menea os altos freyxos
A branda viraçã de quãdo em quãdo
E dantre os varios seyxos,
O liquido christal sae murmurando,
As gotas que das aluas pedras saltão,
O prado como perolas esmaltam.

¶ Da caça fatigada
Se recolhe Diana na espessura,
Onde à sombra deytada
Logre o doce repouso da verdura,
E sobre o seu cabello crespo & louro
Deyxe carir o bosque o seu thesuoro.

¶ O ceo desempedido
Mostra os eternos lumes das estrelas
E de folhas vestido
De hũas verdes, & doutras amarelas,
Se mostra alegre o bosq̃, alegre a fõte
O aruoredo, o prado, o rio, o monte.

¶ Mas como o inuerno frio
Da braueza do sul acompanhado,
Succeder ao Estio.
Que agora está dos campos apossado
O bosque chorarà, chorarà a fonte.
O aruoredo, o prado, o rio, o monte.

¶ O mar que agora brauado,
He das lindas Nereidas cortado
Se ira alcuantando,
Todo em crespas escamas empolado,
E o soberbo furor do negro vento,
Fara por toda a parte mouimento.

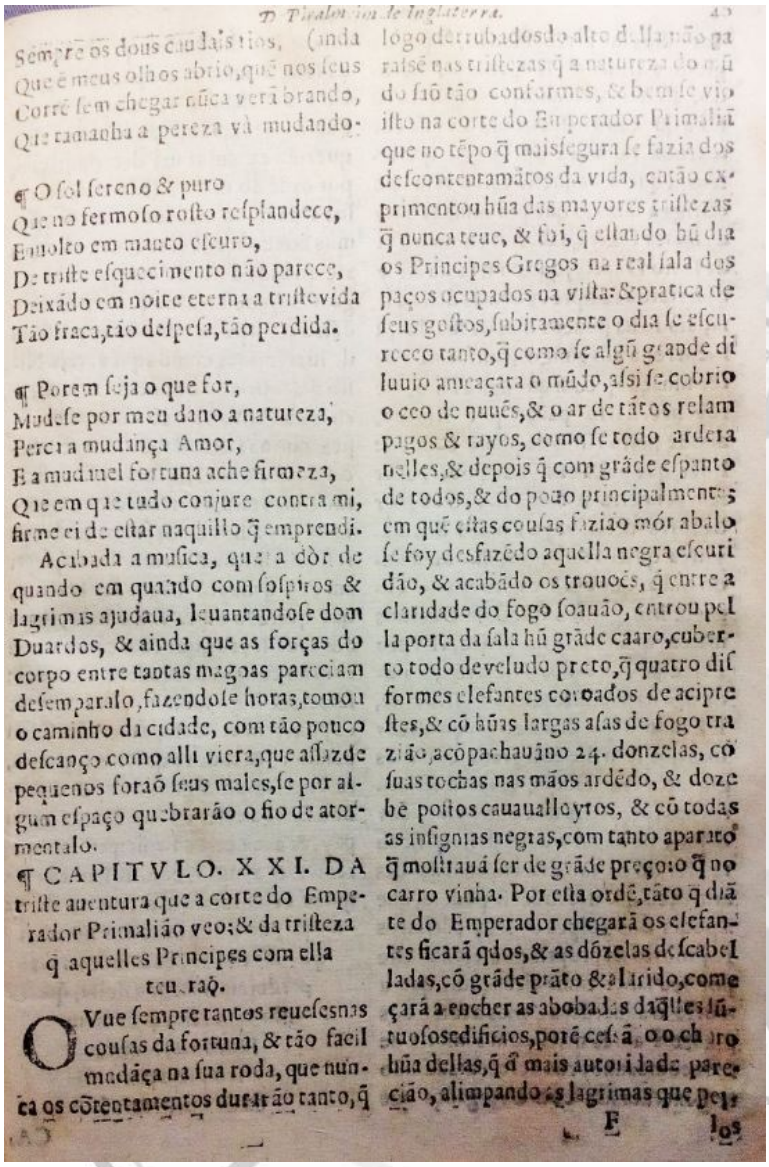
¶ Ley he da natureza,
Mudarse desta sorte o tempo leue,
Succederaõ a belleza
Da primauera a calma, è a fruta aueue
Para depois tomar por certo ho
Autunno, Inuerno, Primauera, Estio.

¶ Tudo em fim faz mudança;
Quanto o sol mostra & quãto a terra
E o ceo que nunca cansa, (cria,
O dia muda em noite, è a noite em dia
Mudãose as cõdiçoẽs, mudase a idade
A bonança, os estados, a vontade.

¶ Soo a minha inimiga
A dura condiçam nunca mudou,
Para que o mundo diga,
Que nella ley taõ certa se quebrou,
Só ella em me ná ver sẽpre está firme
Ou por fugir de amor, ou por fugirme

¶ Mas jà sofriuel fora,
Sò ella em me matar mostrar firmeza
Senaõ achara agora,
Tambem em mi mudada a natureza,
Pois sempre o coraçaõ tenho turbado
Sempre de escuras nuuẽs rodeado.

¶ Sempre exprimento os frios,
Que em cõtino receo amor me mãda,
Sem-



D. Primaleon de Inglaterra. 45

Sempre os dous caudais rios, (inda
Que ẽ meus olhos abrio, quẽ nos seus
Corrẽ sem chegar nũca verã brando,
Que tamanha a pereza và mudando.

¶ O sol sereno & puro
Que no fermoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro,
De triste esquecimento não parece,
Deixãdo em noite eterna a triste vida
Tão fraca, tão despesa, tão perdida.

¶ Porem seja o que for,
Mudese por meu dano a natureza,
Pereça mudança Amor,
E a mudanel fortuna ache firmeza,
Que em que tudo conjure contra mi,
Firme ei de estar naquillo q̃ emprendi.

Acabada a musica, que a dòr de quando em quando com sospiros & lagrimas ajudaua, leuantandose dom Duardos, & ainda que as forças do corpo entre tantas magoas pareciam desemparalo, fazendose horas, tomou o caminho da cidade, com tão pouco descanço como alli viera, que assaz de pequenos foraõ seus males, se por algum espaço quebrarão o fio de atormentalo.

¶ CAPITVLO. XXI. DA triste auentura que a corte do Emperador Primalião veo; & da tristeza q̃ aquelles Principes com ella teue. raõ.

O Vue sempre tantos reuesesnas cousas da fortuna, & tão facil mudãça na sua roda, que nũca os cõtentamentos durarão tanto, q̃ logo derrubados do alto della não parasẽ nas tristezas q̃ a natureza do mũdo saõ tão conformes, & bem se viu isto na corte do Emperador Primaliã que no tẽpo q̃ mais segura se fazia dos descontentamãtos da vida, então experimentou hũa das mayores tristezas q̃ nunca teue, & foi, q̃ estando hũ dia os Principes Gregos na real sala dos paços ocupados na vista: & pratica de seus gostos, subitamente o dia se escureceo tanto, q̃ como se algũ grande diluuio ameaçara o mũdo, assi se cobrio o ceo de nuuẽs, & o ar de tãtos relampagos & rayos, como se todo ardera nelles, & depois q̃ com grãde espanto de todos, & do pouo principalmente; em quẽ estas cousas faziao mór abalo se foy desfazẽdo aquella negra escuridão, & acabãdo os trouoẽs, q̃ entre a claridade do fogo soauão, entrou pella porta da sala hũ grãde caaro, cuberto todo de veludo preto, q̃ quatro disformes elefantes coroados de acipreste, & cõ hũas largas asas de fogo trazião, acõpachauão 24. donzelas, cõ suas tochas nas mãos ardẽdo, & doze bẽ postos cauaualloytos, & cõ todas as insignias negras, com tanto aparato q̃ mostrauã ser de grãde preço: o q̃ no carro vinha. Por esta ordẽ, tãto q̃ diãte do Emperador chegarã os elefantes ficarã qdos, & as dõzelas descabelladas, cõ grãde prãto & alarido, começarã a encher as abobadas daq̃lles sũtuosos edificios, porẽ cessã, o o choro hũa dellas, q̃ ã mais autoridade parecião, alimpando as lagrimas que pe-

F los

Edição paleográfica

[*39v/a*] ¶ Iâ a calma nos deyxou | Sem flores as ribeiras gracioſas, | Ià de todo ſecou | Os lirios brãcos, e as vermelhas roſas | Fogem do ardor do dia os paſſariños | Para o ſõbrio amparo de ſeus niños | ¶ Menea os altos freyxos | A branda viraçã de quãdo em quãdo | E dantre os varios ſeyxos, | O liquido chriſtal ſae murmurando, | As gotas que das aluas pedras ſaltão, | O prado como perolas eſmaltam. | ¶ Da caça fatigada | Se recolhe Diana na eſpeſſura, | Onde à ſombra deytada | Logre o doce repouſo da verdura, | E ſobre o ſeu cabello creſpo & louro | Deixe cair o boſque o ſeu theſuoro. | ¶ O ceo deſempedido | Moſtra os eternos lumes das eſtrelas | E de folhas veſtido | De hũas verdes & doutras amarelas | Se moſtra alegre o boſq*ue*, alegre a fõte | O aruoredo, o prado, o rio, o monte. | ¶ Mas como o inuerno frio | Da braueza do sul acompanhado, | Socceder ao Eſtio | Que agora eſtá dos campos apoſſado | O boſque chorarà, chorarà a fonte. | O aruoredo, o prado,

o rio, o monte. | [*39v/b*] ¶ O mar que agora brando, | He das lindas Nereidas cortado | Se ira aleuantando, | Todo em creſpas eſcamas empolado, | E o ſoberbo furor do negro vento, | Fara por toda a parte mouimento. | ¶ Ley he da natureza, | Mudarſe deſta ſorte o tempo leue, | Succederaa belleza | Da Primauera a calma, è a fruta a neue | Para depois tomar por certo fio | Autunno, Inuerno, Primauera, Eſtio. | ¶ Tudo em fim faz mudança; | Quanto o ſol moſtra & quãto a terra cria | E o ceo que nunca canſa, | O dia muda em noite, & a noite em dia, | Mudãoſe as cõdições, mudaſe a idade | A bonança, os eſtados, a vontade. | ¶ Soo a minha inimiga | A dura condiçam nunca mudou, | Para que o mundo diga, | Que nella ley taõ certa ſe quebrou, | Só ella em me nã ver sẽpre eſtá firme. | Ou por fugir de amor, ou por fugirme | ¶ Mas jà ſofriuel fora, | Sò ella em me matar moſtrar firmeza | Se não achara agora, | Tambem em mi mudada a natureza, | Pois ſempre o coração tenho turbado | Sempre de eſcuras nuuẽs rodeado. | ¶ Sempre exprimento os frios, | Que em cõtino receo Amor me mãda, | [*40r/a*] Sempre os dous caudais rios, | Que ẽ meus olhos abrio, quẽ nos ſeus anda | corrẽ ſem chegar nũca verão brando, | que tamanha aſpereza và mudando. | ¶ O ſol ſereno & puro | Que no fermoſo roſto reſplandece, | Enuolto em manto eſcuro, | De triſte eſquecimento não parece, | Deixãdo em noite eterna a triſte vida, | Tão fraca, tão deſpeſa, tão perdida. | ¶ Porem ſeja o que for, | Mudeſe por meu dano a natureza, | Perca a mudança Amor, | E a mudauel fortuna ache firmeza, | Que em que tudo conjure contra mi, | Firme ei de eſtar naquillo q*ue* emprendi.

Edição crítica

[*39v/a*] Já a calma nos deixou
sem flores as ribeiras graciosas,
já de todo secou;
os lírios brancos e as vermelhas rosas
fogem do ardor do dia os passarinhos
para o sombrio amparo de seus ninhos.

Menea os altos freixos
a branda viração de quando em quando,
e dantre os vários seixos,
o líquido cristal sae murmurando,
as gotas que das alvas pedras saltam
o prado como pérolas esmaltam.

Da caça fatigada
se recolhe Diana na espessura,
onde à sombra deitada,
logre o doce repouso da verdura,
e sobre o seu cabelo crespo e louro
deixe cair o bosque o seu tesouro.

O céo desempedido
mostra os eternos lumes das estrelas
e de folhas vestido

de ũas verdes e doutras amarelas
se mostra alegre o bosque, alegre a fonte,
o arvoredo, o prado, o rio, o monte.

Mas como o inverno frio
da braveza do Sul acompanhado,
soceder ao estio,
que agora está dos campos apossado,
o bosque chorará, chorará a fonte,
o arvoredo, o prado, o rio, o monte.

[*39v/b*] O mar, que agora brando
é das lindas Nereidas cortado,
se irá alevantando
todo em crespas escamas empolado,
e o soberbo furor do negro vento
fará por toda a parte movimento.

Lei é da natureza
mudar-se desta sorte o tempo leve,
suceder à beleza
da primavera a calma, e à fruta a neve
para depois tornar por certo fio
autuno, inuerno, primauera, estio.

Tudo enfim faz mudança
quanto o sol mostra e quanto a terra
e o céo, que nunca cansa, cria;
o dia muda em noite e a noite em dia;
mudam-se as condições, muda-se a idade,
a bonança, os estados, a vontade.

Só a minha inimiga
a dura condição nunca mudou,
para que o mundo diga
que nela lei tão certa se quebrou;
só ela em me não ver sempre está firme,
ou por fugir de amor ou por fugir-me

Mas já sofrível fora,
só ela em me matar mostrar firmeza
se não achara agora
também em mim mudada a natureza,
pois sempre o coração tenho turbado,
sempre de escuras nuvens rodeado.

Sempre experimento os frios

que em contino receo Amor me manda;
[*40r/a*] sempre os dous caudais rios anda
que em meus olhos abrio, quem nos seus
correm sem chegar nunca verão brando,
que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro
que no fermoso rosto resplandece,
envolto em manto escuro,
de triste esquecimento não parece,
deixando em noite eterna a triste vida,
tão fraca, tão despesa, tão perdida.

Porém seja o que for,
mude-se por meu dano a natureza,
perca a mudança Amor
e a mudável Fortuna ache firmeza,
que em que tudo conjure contra mi,
firme hei de estar naquilo que emprendi.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, "*Palmeirim de Inglaterra III-IV (1604)*: composições poéticas", em *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (http://www.universodealmourol.com/), 2017.